

Modos de Ver: a (in)visibilidade feminina enquanto profissional do esporte¹

Soraya BARRETO JANUÁRIO²
Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

Resumo

Fundamentada na abordagem teórica nos estudos culturais, pretendemos discutir a representação da mulher no futebol. Pretende-se, dessa forma, analisar a cobertura realizada pelos jornais pernambucanos sobre a apresentação da assistente de arbitragem Fernanda Colombo à Federação Pernambucana de Arbitragem. O nosso aporte teórico se centra nos Estudos de Gênero, na Sociologia do Esporte e da Comunicação. O recorte metodológico se deu através da técnica da análise de discurso à luz das teorizações de Pecheux e Maingueneau, que nos possibilitou decifrar as intenções dos enunciados. Como resultados parciais na busca por evidências e as rupturas da presença feminina nesse espaço, foi possível compreender que a associação entre o futebol e a ideia de espaço de construção de masculinidade se perpetua.

Palavras-chave: Mulher, Futebol, Mídia, Esporte, Discurso

Futebol, mulher e exclusão

O futebol pode ser percebido hoje como um dos grandes fenômenos socioculturais do século XXI, é capaz de influenciar diversos segmentos da sociedade que vão do cultural ao econômico, se pensarmos em sua imensa capacidade de fomentar consumo. É entendido pela Sociologia e Antropologia como um fenômeno sociocultural de grande importância para o povo brasileiro e sua identidade nacional (DAMATTA,1982). O estudo deste fenômeno vem ganhando relevância no meio acadêmico nacional nas últimas décadas. Com efeito, abarca uma gama de elementos subjetivos nas pessoas, tais como: paixão, emoção, medo, frustração, esperança etc. Tais características subjetivas impõem ao tema uma difícil tarefa de análise e mensuração fiel. Segundo Reis (2006), o futebol tem uma função significativa nas sociedades modernas devido ao seu caráter afetivo e de enorme poder influenciador em seus adeptos. Para Werthein (2004), o futebol, além de mobilizador das massas, é modelador de comportamentos e formador de opinião, com forte influência em seus torcedores. Segundo Janet Lever (1983), as sensações vivenciadas pelo esporte são

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Comunicação, Mestre em Comunicação e Professora da graduação em Comunicação da Graduação em Publicidade e Propaganda da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. E-mail: sorayabarretopp@gmail.com.

indicativas da sua importância na vida dos indivíduos, e esse fator fomenta ao futebol um importante papel enquanto fenômeno social e na representação de identidades.

A paixão pelo futebol enquanto prática desportiva no Brasil vem sendo apontada por diversos autores, jornalistas e cronistas brasileiros, como uma paixão nacional (DAMATTA, 1982; SALLES *et al*, 1996; GOELLNER, 2005; KNIJNIK, 2006). Roberto DaMatta, organizador da obra “O universo do futebol” (1982), argumentou que o futebol, as festas e o carnaval seriam algumas das fontes da identidade nacional brasileira. O futebol permitiria aproximar o Estado nacional e a sociedade. O antropólogo, discorreu sobre os primórdios do futebol no Brasil, relata que o esporte é um fenômeno que reúne ao mesmo tempo características de jogo, esporte, ritual e espetáculo, e conseguiu penetrar no seio de uma sociedade ainda marcada por uma rígida hierarquia e por resquícios de um regime escravocrata. Witter (1990) argumentou que quando o futebol começou a fazer parte do cotidiano da população negra e classes populares, a presença feminina foi descartada com a justificativa de que “Filhas de boa família não devem se misturar com jogadores de futebol” (WITTER, 1990, p.58).

Dessa forma, a mulher foi sendo excluída dos espaços esportivos e de suas práticas. É pertinente ressaltar que a inserção da mulher em certos esportes possui um longínquo histórico de restrições e proibições. Desde os primórdios da história do esporte e do movimento olímpico, as mulheres eram proibidas de participarem, e portanto, cabia-lhes apenas a entrega dos louros aos vencedores. Esse ato de entrega das premiações se estendem até hoje com belas corpos objetificados como parte do prêmio (BARRETO JANUÁRIO, 2013). Na história do esporte é possível resgatar, inclusive, aspectos jurídicos proibitivos. Em 1941 foi promulgado o decreto-lei nº. 3.199, que até o ano de 1975 estabeleceu as bases de Organização dos esportes em todo o país. No artigo 54, haviam referências à prática do esporte pelas mulheres que comungava de permissões e proibições “[...] às mulheres não se permitirá a prática dos esportes incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo para este efeito, o Conselho Nacional dos Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país.”

Já em 1965, a Confederação Nacional Desportiva publicou instruções às entidades desportivas do país na deliberação Nº 7 sobre a prática esportiva que poderia ou não ser desempenhada pelas mulheres. Para a nossa pesquisa interessa especialmente o ponto 2, no qual dizia: “Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo, halterofilismo e baseball [...]” (DEVIDE, 2003). Só em

meados dos anos 80 a CND concedeu o direito à prática de diversas modalidades esportivas pelas mulheres, incluindo o futebol (CASTELLANI, 1991).

Salles, Silva e Costa (1996) advogaram que “Havia então uma ordem implícita inibidora da presença da mulher neste espaço, ditando códigos excludentes para o sexo feminino” (1996, p.80). Com efeito, fica evidenciado a estereotipia associada ao “sexo” e a biologia feminina. Torna-se evidente que certos preconceitos versavam sobre a suposta fragilidade e incapacidade do corpo feminino em praticar diversas modalidades esportivas. Este pensamento social demonstra o quanto a questão do gênero é central na reflexão sobre o esporte no Brasil. O próprio termo “Futebol feminino” é uma forma de exclusão, ao nosso ver, só há um futebol que é jogado pelos diferentes gêneros, onze jogadores contra onze.

O recorte de gênero acaba sendo uma categoria conceitual crucial para entendermos a história do futebol e a sua relação com a sociedade. Abarcados nas teorizações pós-estruturalistas, é necessário um olhar relacional sobre os gêneros, inaugurado pela historiadora norte-americana Joan Scott (1995). A autora definiu gênero como “um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos (...) uma forma primária de dar significado às relações de poder” (1995, p. 86). Louro (1997) e Butler (2003) complementaram que gênero é uma construção cultural e não natural e biológica. Scott (1995) argumentou também que não existe um único jeito de vivenciar a masculinidade ou feminilidade, e que tais comportamentos excludentes em relação a mulher estão abarcados por relações de poder e coerção. Sobre isso Jeffrey Weeks colocou que:

“O gênero não é uma simples categoria analítica, ele é [...] uma relação de poder. Assim, padrões de sexualidade feminina são, inescapavelmente, um produto do poder dos homens para definir o que é necessário e desejável – um poder historicamente enraizado” (WEEKS, 1999, p.56).

Nesse sentido, além da prática esportiva do futebol enquanto jogadora a mulher foi excluída enquanto profissional do esporte. Até pouco tempo não se ouvia falar de mulher árbitras, bandeirinhas ou assistentes. Era dado ao homem o poder do entendimento tático e técnico do esporte. É nesse âmbito que se centra a nossa análise. Devidé (2008) ao pesquisar as mudanças na visibilidade das mulheres atletas na mídia esportiva no Brasil, constatou que mais de 70% das matérias do caderno de esportes do jornal “O Globo”, abordavam o futebol. O tema possui grande abrangência no cenário midiático esportivo nacional, na pesquisa realizado por Devidé (2008), a porcentagem se referia ainda à prática por atletas do sexo masculino. No entanto, é exponencial o crescimento da presença feminina nos gramados, seja como atleta, torcedora ou mesmo como árbitra e bandeirinha.

As pesquisas brasileiras que se centram nas mulheres no esporte vêm gradativamente crescendo na tentativa de fomentar a visibilidade da mulher no esporte e na tentativa de resgatar e construir a história das mulheres no cenário esportivo brasileiro, entre os quais: Goellner (2004); Knijnik (2003); Romero (2004); Deive (2003; 2005).

Entretanto, Altmann (2002) argumenta que na prática esportiva, ainda no processo de aprendizagem escolar na denominada “Educação Física”, tanto em aulas mistas quanto separadas por sexo, é possível verificar que as exclusões não ocorrem somente pelo gênero, mas também pela habilidade motora, a força e a faixa etária. Contudo, Damo (2006) ressaltou que os meninos não excluem meninas do futebol por simplesmente pertencerem ao sexo feminino, o autor vai mais à fundo e justifica a exclusão feminina por ser percebida enquanto uma ameaça, um estranhamento considerando que sua participação em massa pode vir a dismantlar códigos que foram historicamente e culturalmente embutidos nos ditos papéis sexuais, podendo desconstruir a associação do futebol com o arquétipo de masculinidade (FRANZINI, 2005; CONNELL, 2005).

Com efeito, no pensamento social há rituais nos quais meninos e meninas são socializados para construírem suas identidades de gênero. Dessa forma, jogar futebol é um esporte para os homens com o intuito de aguçar a competitividade, a força e a agilidade. Neste sentido, o futebol é percebido enquanto espaço para a construção da masculinidade por apresentar a agressividade, força e competitividade como característica motriz, tais aspectos culturalmente percebidos como componentes da corporeidade masculina (MESSNER, 1992; BARRETO JANUÁRIO, 2013). Com a desconstrução contemporânea de um ideal de ser homem, nomeada por Connell (2005) de “masculinidade hegemônica”, vemos ruir tais justificativas para a exclusão feminina no futebol. Mas a resistência e preconceito se enraiza numa longínqua história abarcada por estereótipos de gênero e de uma cultura patriarcal arraigada com resquícios até os dias atuais.

1. Do patriarcado a conquista de espaços públicos

Desde as célebres palavras de Beauvoir “não se nasce mulher, torna-se” (1986) entendeu-se que o gênero seria um processo ambíguo de autoconstrução, onde a distinção entre sexo e gênero, converte-se no “variado modo de aculturação corpórea, para além de um destino crivado na anatomia” (BUTLER, 1986, p.35). Para a autora, o verbo ‘tornar-se’, apresentado no presente, abarca a intenção de um ato intencional, isto é, o de se assumir através de estilo corpóreo de significados. Entretanto, Butler (1986) refletiu também sobre o

caráter de passividade do verbo no sentido de construção do gênero por “um sistema personificado de linguagem patriarcal e falocêntrica” (1986, p.36), o que impele uma análise sobre os mecanismos dessa construção. Mesmo que o corpo biológico seja de mulher, o ato de tornar-se numa Mulher pressupõe para a filósofa um processo de apropriação e reinterpretação que advém de possibilidades culturais. Para Butler (1986), na assertiva de Beauvoir reconhece-se que, para se assumir as características de gênero, há que se submeter a uma condição cultural, que incita a participação no ato de criação dessa mesma condição. Nessa perspectiva, a afirmação de Beauvoir considera o compromisso e o envolvimento nos moldes existenciais, que se assegura por um movimento dialético, isto é, como algo que sofre influência da cultura, mas que, também as impõe suas determinações. A história nos conta que no Brasil até a chamada Belle-Époque, período compreendido entre o final do século XIX e início do século XX, os homens e mulheres da aristocracia brasileira tinham seus papéis e espaços estritamente delimitados entre o privado e o público.

Essa foi uma das discussões centrais do feminismo liberal, sobre as distinções entre público e privado, em que “o privado” é usado para referir-se a uma esfera ou esferas da individualidade, enquanto “o público” se reporta a uma esfera ou esferas vistas como políticas e de coletividades. Muito frequentemente, os termos “público” e “privado” são usados sem que haja uma preocupação com a sua clareza e definição precisas; como se todos soubessem o seu significado independentemente do contexto em que os investigadores os empregam. No entanto, os estudos feministas têm tornado cada vez mais claras as duas principais utilizações envolvidas na maioria das discussões sobre o público e o privado. Segundo Okin (2008), a primeira refere-se à distinção entre Estado e sociedade (tal como propriedade pública versus privada), enquanto isso, a segunda diz respeito à distinção entre vida não doméstica e vida doméstica. A diferença entre estes dois usos, apontou Okin (2008, p.307), consiste no fato de a sociedade civil (Hegel como citado em Engels, 2000) na primeira dicotomia ser entendida como pertencente ao “privado” e na segunda como integrante do mundo “público”.

Wendy Weinstein (como citado em OKIN, 2008) desenvolveu uma analogia entre o conceito de público/privado e as camadas de uma cebola. Estes estão um para o outro tal como numa cebola, uma camada se sobrepõe a outra, que por sua vez estará dentro de outra camada e assim sucessivamente. E explica o fato de algo, tido como público em relação a uma determinada esfera, poder ser considerado privado em relação a uma outra. Existem assim múltiplos significados e não o dualismo associado ao conceito. Nesse sentido, dá-se

lugar às dicotomias de Estado/sociedade e não-doméstico/doméstico (OKIN, 2008, p.307). Nessa perspectiva, Okin (2008) optou por utilizar a segunda separação, “público-doméstico”, já que acreditava que é a permanência desta dicotomia que torna possível aos teóricos ignorarem a natureza política da família e a relevância da justiça na vida pessoal e, por conseguinte, grande parte das desigualdades de gênero (OKIN, 2008).

Para as feministas liberais, a distinção existente entre público e doméstico é ideológica no sentido em que apresenta a sociedade a partir de uma perspectiva masculina tradicional, baseada em pressupostos sobre diferentes naturezas e papéis naturais de homens e mulheres. As investigadoras feministas têm argumentado que a divisão doméstica do trabalho, e especialmente a prevalência da mulher na criação dos filhos, são socialmente construídas, e portanto são questões de relevância política.

A máxima feminista “o pessoal é político”, está na raiz das críticas feministas à convencional dicotomia liberal público/doméstico. Nicholson (1986) destacou como a questão “o quanto o pessoal é político?” constitui uma importante fonte de tensão no interior tanto do feminismo liberal quanto do socialista (NICHOLSON, 1986, p.19). O que acontece na vida pessoal, particularmente nas relações entre os sexos, não é imune à dinâmica de poder, que tem tipicamente sido vista como a face distintiva do político. Stuart Hall (2005), referiu que a frase se tornou o *slogan* do feminismo porque as teorias feministas colocaram em xeque o sujeito cartesiano³ e questionaram as fronteiras entre o particular e o universal. Ou seja, o feminismo “politizou a subjetividade” (HALL, 2005, p.45). É pertinente destacar que os domínios da vida doméstica e não-doméstica, económica e política, não podem ser interpretados isolados um do outro.

Com os efeitos da Revolução industrial e a urbanização, a mulher, aos poucos foi ocupando o espaço público (SEVCENKO, 1992; DE SOUZA *et al*, 2000). Nesse tempo de nascimento da modernidade e de rompimento com alguns aspectos conservadores do cogito social permitiu, segundo Mourão (2000), que a mulher no Brasil iniciasse o seu processo de inserção no espaço público, buscando o conhecimento e reconhecimento dos seus direitos. É sabido que foi no âmbito da discussão social e nos movimentos sociais que discutiam desde classes, etnias e questões sociais que nasceu o feminismo.

É importante reconhecer que foi através do discurso feminista que as relações de gênero puderam obter relevância no debate acadêmico, já que, através de tal discurso, a problemática (e derrocada) do dualismo masculino/feminino tomou uma posição de destaque no âmbito do debate sobre o gênero. O feminismo foi citado por Stuart Hall (2005) como um dos cinco grandes avanços na teoria social e nas ciências humanas ocorridos na segunda metade do século XX, denominada pelo autor como ‘modernidade tardia’. Hall (2005) afirma que o feminismo teve impacto tanto enquanto crítica teórica como movimento social, questionando noções que eram tidas como universais e trazendo à discussão assuntos como a família, a sexualidade, o trabalho doméstico, além de outros. Nesse sentido é possível afirmar que o discurso feminista teve um importante papel para a alteração das relações sociais em diversos contextos, por exemplo, o ‘papel’ e a identidade masculina mediante tais alterações.

Nessa perspectiva, e relativamente ao feminismo na contemporaneidade, torna-se necessário reforçar o ideal feminista enquanto movimento produtor de ideias e práticas inovadoras, como formador de teorias e responsável por debates de importância social que questionam a estrutura social vigente. É pertinente destacar que para nós não há morte do feminismo, mas sim (re)definição de novos rumos e focos. O cenário social atual suscita uma atualização de pensamento sobre o alcance do feminismo, as suas influências para a sociedade, as suas inserções institucionais e tantas outras questões do cotidiano das ações coletivas das mulheres que, conscientemente ou não são feministas.

Isso exige-nos cada vez mais a capacidade de conviver com ações políticas na sociedade e com a institucionalização desse feminismo, mas sem esquecer princípios e autonomia do movimento. Neste sentido, sente-se uma necessidade emergente de ocupação de mais espaços de poder que possam ser assumidos individualmente pelas mulheres e também por seus grupos e organizações. Isto aliado à visibilidade do movimento feminista como um movimento libertário de contestação que sai às ruas, demarcando suas posições na construção de uma justiça social.

A crescente presença das mulheres nos campos de futebol seja como jogadora, árbitra, bandeirinha ou torcedora sugerem uma crescente incorporação da mulher na esfera do futebol. No entanto, alguns obstáculos são claros nessa inclusão, e o principal deles refere-se à legitimação da mulher como pessoa que não apenas compreende e gosta do esporte, como também, é capaz de nutrir sentimentos de pertencimento a um determinado

clube sem a prévia legitimação masculina. Ou seja, para agradar o namorado, marido, pai, etc. A legitimação de seu real interesse pelo jogo de futebol, compreendendo seus aspectos técnicos e táticos e não apenas emocionais. Essa necessidade de legitimação se configura justamente por essa falta de credibilidade na compreensão do esporte ou por tentativas de associar características que teriam por finalidades piadas jocosas e a intenção de denegrir a imagem feminina como argumentou Goellner (2005):

“A masculinização da mulher e naturalização de uma representação de feminilidade que estabelece uma relação linear e imperativa entre mulher, feminilidade e beleza. Por estarem profundamente entrelaçados, esses argumentos acabam por reforçar alguns discursos direcionados para a privação da participação das mulheres em algumas modalidades esportivas tais como o futebol e o as lutas.” (GOELLNER, 2005, p.143)

Outro ponto de discussão seria o “ambiente” no estádio de futebol. Repleto por linguagem pornofônica, gestos e rituais, ao longo dos anos, se configurou como espaço simbólico e concreto de exaltação dos “atributos masculinos de potência, virilidade” (TOLEDO 1996, p. 65). Valores esses atribuídos aos arquétipos de masculinidade. Vale ressaltar que tanto a masculinidade quanto a feminilidade são construídos num contexto social, cultural e político e a sua forma de manifestação, assim como os seus rituais iniciáticos, devem ser compreendidos dentro dos suportes simbólicos, do masculino e do feminino, próprios a cada sociedade.

Delimitar certos ambientes impróprios para as mulheres são claros mecanismos de disciplina, coerção e poder. Tal abordagem encontra-se nas investigações pós-estruturalistas de Foucault sobre o poder e as relações de poder entre homens e mulheres, que se relaciona com a produção social da verdade, e com as teorias feministas que seguindo a linha de pensamento foucaultiana formularam o conceito de gênero como categoria analítica. Reafirmando a historicidade das relações de gênero, e sua importância enquanto pressuposto estruturante da experiência e das relações sociais. As masculinidades e as feminilidades são construídas simultaneamente em dois campos relativos às relações de poder, nas relações de homem com mulheres, desigualdade de gênero (BOURDIEU, 2005), e também nas relações dos homens com outros homens, isto é, desigualdades baseadas em raça, etnicidade, sexualidade. E por esses fatores, as características impostas ao feminino estiveram tão distantes de arenas esportivas como a do futebol.

Sublinhe-se que o desporto foi socialmente associado a critérios naturalizados nas questões de gênero. E tendo como componente dominante a força, agilidade e rapidez, e como atividades secundárias a graça, leveza e precisão. Desta forma, foram concebidas as

atividades ligadas aos desportos masculinos e desportos femininos (GONÇALVES, 1998). No imaginário social coletivo a ideia de conquistas e sucesso estão habitualmente associadas à velocidade, agilidade, força e resistência e, por conseguinte, ao homem. A mulher ficou enquadrada em marcas como a graça, a leveza ou a beleza. Nesta perspectiva, o desporto assim definido veio a favorecer a dominação dos homens e colaborou para a construção social de uma hegemonia masculina. E justamente por isso não raro é encontrar a associação da masculinidade patriarcal a celebridades desportivas ou encenações nesse âmbito da atividade física. Dessa forma, o intuito deste artigo é compreender a representação e visibilidade feminina no espaço esportivo, especialmente no futebol em Pernambuco.

2. Análise de Discurso na mídia pernambucana

Produzir notícias é um ato de linguagem que transmite significados, a partir de signos e significantes por meio de seus enunciados sobre diversas temáticas. Entretanto, tais significados nem sempre são decodificados em uma leitura rápida e desatenta da informação noticiosa. Com efeito, para compreendê-las se faz necessário buscar um método de análise que permita entender as “Condições de Produção” e os Critérios de Importância e Noticiabilidade (WOLF, 1985) do fato noticioso. A análise possibilita-nos a compreensão da produção de sentidos em um determinado discurso que influencia a percepção que as pessoas têm de uma realidade mediada pelos *Mass Media*. Uma das formas que pode ser utilizada para esse entendimento é a Análise do Discurso (AD), na linha de estudos composta por autores como Pêcheux(1988) e Maingueneau (2007).

Ao entendermos a notícia enquanto um ato de linguagem produzido a partir de certas condições possibilitada por diversos fatores propiciada pela atividade jornalística, que fazem a notícia ser produzida de uma determinada maneira, decorrente de tais critérios de noticiabilidade apontados por Wolf (1985). O jornalismo é regido por um conjunto de valores e normas profissionais como a honestidade, verdade, liberdade, o rigor, a exatidão e a objetividade (TRAQUINA, 2005). Tais valores fortalecem a relação do público com as peças jornalísticas e a percepção que o público terá de determinadas notícias. Nesse sentido, ao aplicarmos os princípios da Análise do Discurso, no recorte proposto por Pêcheux (1988), pretendemos verificar esses valores associados aos significados na compreensão da produção de sentidos. O método pretende compreender as Condições de

Produção (CPs) de um ato de linguagem para compreender a produção de sentidos. Ao compreender como as Condições de Produção de um enunciado ajudam a determinar o posicionamento de um indivíduo na sociedade que influencia em sua produção discursiva e, dessa forma, produz determinados sentidos sobre um determinado tema. Dessa forma, escolhemos esse método para analisar a produção de sentidos dos enunciados veiculados nos jornais pernambucanos, Diário de Pernambuco e Jornal do Commercio, sobre a chegada da assistente de bandeirinha Fernanda Colombo ao Recife e o modo como são construídos os enunciados da temática da mulher no futebol. Pêcheux (1988) mostrou que a exterioridade da linguagem influencia na construção de significados. Essa linha de estudos passou a verificar como a significação ocorre no discurso por meio de sua análise.

Comprendemos que a AD estabelece uma relação entre língua-discurso-ideologia, e dessa forma, reconhece que a terceira depende da segunda que depende da primeira para se concretizar e produzir sentidos (ORLANDI, 2003). A concretude de sentidos é desempenhada pelo sujeito, elo entre esses três elementos, o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e faz a língua produzir sentidos.

Dessa forma, a AD estabeleceu a relação da língua com o seu contexto social e histórico (BRANDÃO, 1996). Os conceitos de ideologia e discurso nos estudos da linguagem são centrais na compreensão do método Pecheutiano. O conceito de ideologia é encontrado nas reflexões de Althusser (1985) sobre a “formação ideológica”. Em Foucault (2009), na sua afamada obra *Arqueologia do Saber*, Pêcheux usou a expressão “formação discursiva” para um emprego específico nos estudos do discurso. O interesse de Foucault centra-se no discurso real como materialidade. A definição de todo seu método se construiu na definição dos principais objetos: o discurso, o enunciado e o saber (FOUCAULT, 2009)

A AD entende que o sujeito ocupa um determinado lugar no contexto social, e portanto, enxerga a realidade de uma forma específica, denominada pela a AD como a Formação Ideológica (FI), que influencia a produção discursiva, a FI é a forma como a ideologia se materializa. Já a Formação Discursiva (FD) produz sentidos sobre determinado tema. Com base nessas reflexões, procuramos identificar as Formações Discursivas nas peças noticiosas selecionadas. O jornal do Commercio e Diário de Pernambuco são veículos de comunicação de referência em Pernambuco. As notícias: “Fernanda Colombo é apresentada como nova assistente da FPF” publicada no Jornal do Commercio em 03 de Novembro de 2014 e “Em estreia no Recife, bandeirinha Fernanda Colombo vira atração e

sofre com "elogios"” publicada no Diário de Pernambuco em 11 de Dezembro de 2014. As matérias abordam a chegada da assistente de bandeirinha Fernanda Colombo ao Recife.

Dessa forma, a nossa intenção é perceber os sentidos implícitos e explícitos no enunciado, buscando compreender as formações discursivas propostas pelos jornais. Na análise percebemos duas formações discursivas predominantes em ambas matérias e que fomentam discussões mais amplas. Torna-se pertinente ressaltar que as condições de produção das matérias desportivas estão envoltas por uma cortina de preconceito e um ambiente também “naturalizado” como masculino, as redações de esporte. Apesar da crescente participação feminina na cobertura esportiva, o meio ainda é massivamente masculino.

3.1 FD1:Conhecimento tático e técnico do Futebol pelas mulheres

Verificamos em ambas as notícias um intuito de reforçar a construção cultural brasileira que concebe o futebol como um espaço de práticas sociais masculinas. Como uma prática esportiva percebida na construção da masculinidade e que possui ainda uma resistência, maior do que os outros esportes, à prática feminina. Verificamos que o jornal do Comercio apresenta alguns enunciados sobre as falhas e erros de arbitragem de Fernanda Colombo fundamentados nas representações negativas que destacamos ao longo do texto. É destacado um erro de marcação de um impedimento da assistente que culminaria em outro resultado da partida. Falha essa bastante recorrente na arbitragem independente de gênero. Esta Formação Discursiva apresenta regularidades discursivas que concebem a mulher com um comportamento diferente dos homens em campo e parecem questionar o conhecimento tático e técnico do esporte. O pensamento social propaga uma percepção de que a mulher não compreende o futebol, nesse caso parece haver uma necessidade de ressaltar o erro de Fernanda. E ainda, lembrar que a assistente precisou voltar as bases (na série C e D) para compreender o jogo e “ganhar experiência”. O enunciado parece sugerir que não seria “natural” uma mulher compreender a questão tática e técnica e para isso precisaria de maior estudo sobre tais questões. Essas percepções só reforçam a estereotípia relacionada a mulher no campo esportivo, e especialmente no futebol.

Outra questão evidente nessa relação Mulher-futebol é a constante lembrança de que aquele espaço não é propício para mulheres. Sugerem uma não pertença aquele ambiente e espaço público. O Diário de Pernambuco afirmou que “Assim que subi para o aquecimento,

Fernanda foi recebida com gritos bem ousados e alguns até desrespeitosos, de tom machista. Mais uma prova de como o futebol é um ambiente arredoio para mulheres.”

Além de relatar um fato cotidiano na vida de mulheres que frequentam o espaço clubístico e dos esportes, o enunciado reafirma que aquele não é um ambiente “natural” para as mulheres. Esta formação discursiva está relacionada a regularidades discursivas que valorizam a naturalização e desvalorizam o que é novo, no caso a presença massiva feminina. O que está naturalizado é conhecido e concebido a partir de valores de uma determinada comunidade, já o que é novo e desconhecido, é visto como algo estranho. Nos sugere uma formação discursiva de coerção e disciplina social sobre o comportamento e a presença da mulher em determinados espaços públicos, o estranhamento por sua inserção neste esporte naturalizado.

3.2 FD2:O mito da beleza feminina no futebol

Nos enunciados das notícias o tema mais evidente é certamente sobre a beleza da bandeirinha. O Jornal do Commercio apresenta o subtítulo “Musa do futebol nacional fará sua estreia no Campeonato Pernambucano de 2015”, título recorrente na imprensa nacional para se referir a Fernanda. No decorrer do texto para se referir a assistente os adjetivos de “a bela”, a beldade” e “musa” são recorrentes, seja para descrever os atributos físicos, seja para falar de sua performance em campo. Sobre isso Goellner (2005), ao debater sobre o tema beleza relacionado as jogadoras de futebol, ressaltou que “O apelo à beleza das jogadoras e a erotização de seus corpos tem como um dos pilares de sustentação o argumento de que, se as moças forem atraente, atrairão público aos estádios [...] (2005, p. 147). Apesar da autora se referir às jogadoras de futebol, a assertiva pode ser facilmente transposta para o caso “Fernanda Colombo”. A própria matéria noticiosa ressalta a bandeirinha como atrativo. Goellner (2003) argumentou também os benefícios da prática esportiva para as mulheres, foram sendo relacionadas ao desenvolvimento da beleza, feminilidade e maternidade (GOELNNER, 2003), como a dança e a ginástica por exemplo (DEVIDE, 2004). Apesar dos avanços históricos em termos de participação, restaram os preconceitos culturais sobre a inserção de mulheres em algumas modalidades esportivas consideradas masculinas, como é o caso do futebol.

Naomi Wolf (2009), no seu afamado *The beauty myth*, argumentou que a beleza enquanto valor normativo foi construída socialmente. Para a autora tal construção decorre de valores patriarcais, cujos seus conteúdos, tanto discursivos como imagéticos, tinham o intuito de reproduzir a sua própria hegemonia.

A objetificação, erotização e espetacularização do corpo feminino é aceita e, muitas vezes, incentivada em determinados locais e esferas sociais, especialmente, aqueles que valorizam uma representação de feminilidade construída em padrões de beleza e da sensualidade. Já nos gramados essa espetacularização é vista com estranhamento a estes corpos femininos performativos (BUTLER, 2003). O mito da beleza é construído numa relação com a feminilidade e graciosidade feminina. O culto ao corpo magro e belo é reflexo dos padrões dominantes (WOLF, 2009) engaja-se nos discursos contemporâneos de disciplina e controle dos corpos, como forma de reafirmação das relações de poder (FOUCAULT, 1979). Os meios de comunicação e as atuais ideologias sociais produzem, distribuem e fomentam imagens que sugerem o belo, isto na medida em que existe um elo entre beleza e poder (LOURO, 2003).

Segundo Ribeiro, é tradicional pensar que “o grande valor social dos homens é o êxito (social), como o é para as mulheres a beleza (corporal): dois sinais distintivos, afinal, de adequação aos respectivos papéis socialmente prescritos” (2003, p. 96-97). É preciso lembrar também a dimensão do poder associado à beleza e à estética e que ganhou força na contemporaneidade (WOLF, 2009). Fica evidente nos enunciados a necessidade de reconhecer Fernanda enquanto “mulher bela” e não por seus atributos profissionais ou pelo fato de ser aspirante da FIFA, ou mesmo, por ter vindo para Pernambuco fazer um doutorado na Universidade Federal do estado. E ainda, por ser considerada uma promessa da arbitragem nacional. Tais caracterizações só reforçam os discursos de “senso comum” que colocam a mulher num lugar de invisibilidade e desrespeitado na seara esportiva.

Considerações finais

Buscamos apresentar neste artigo informações que nos permitem identificar o árduo caminho percorrido pelas mulheres desde sua inserção, participação e permanência no cenário esportivo futebolístico no país, especialmente em Pernambuco. A conjuntura de uma sociedade com uma normativa patriarcal e a falta de conhecimento sobre o corpo feminino nos séculos XIX e início do século XX, foram possivelmente, a motivação de se construírem discursos fomentados em bases biológicas que normatizavam a participação

das mulheres no esporte, inclusive sob o formato de decretos-lei como destacamos anteriormente.

Ao acreditar que algumas práticas esportivas poderiam masculinizar as mulheres, afetar o sistema reprodutivo feminino e que o destino das mulheres se concentrava apenas no papel social de mãe, esposa e cuidadora. Os argumentos biológicos, o discurso sobre a masculinização e a suposta falta de certos atributos como: agressividade, competitividade e força também se tornaram uma barreira para a sua inserção no esporte, numa sociedade sexista e patriarcal. Até os dias de hoje é notória essa forma de exclusão, sobretudo em áreas de reserva masculina, como o futebol, vinculado aos estereótipos de gênero, que atribuem aos indivíduos rótulos de “ser” homem ou mulher.

Através da Análise do Discurso que realizamos das matérias veiculadas no Jornal do Commercio e Diário de Pernambuco sobre a chegada da assistente de árbitro Fernanda Colombo para compor o quadro de arbitragem da Federação Pernambucana, pudemos identificar as formações discursivas e os sentidos apresentados. Verificamos que na FD1 “Conhecimento tático e técnico do Futebol pelas mulheres” se fundamentou o sentido de estranhamento na presença feminina enquanto empoderada de saberes futebolísticos. Já a FD2 “O mito da beleza feminina no futebol” fomentou o debate sobre a necessidade de relacionar a mulher a beleza e não ao seu desempenho profissional, como acontece com os homens.

Pelas FDs analisadas, as enunciações da notícia nos apontam uma repetição da norma e do estranhamento da mulher enquanto participe do espaço futebolístico que levam à discriminação das mulheres nesse ambiente esportivo. Discurso que nos sugere uma “formação ideológica” dominante (ALTHUSSER, 1985). Ao mesmo tempo que o definem como “nova” a inserção feminina nesse espaço público e controlado, numa tensão permanente entre verdades universais de gênero secularmente preservadas e naturalizadas na construção de uma masculinidade hegemônica (CONNELL, 2005) e rupturas que buscam afirmar-se como resistência. Podes dizer que os jornais e seus *geetkeepers*⁴ escalonam os enunciados e constroem as narrativas visando na audiência (público leitor) e por isso reproduz as mesmas práticas estereotipadas na sociedade e padronização e

⁴ O termo surgiu em 1947, no campo de estudos da psicologia, concebido pelo psicólogo Kurt Lewin. Foi aplicada ao jornalismo em 1950 por David Manning White. White estudou o fluxo de notícias dentro de uma redação e percebeu que poucas eram as pautas escolhidas e publicadas. Ao pesquisar os critérios de publicação White aplicou ao jornalismo a teoria do Gatekeeper que pressupõe que as notícias são publicadas de determinada forma porque os jornalistas assim as determinam.

desigualdade de gênero. Ao escolherem o que é notícia, a moldam para um público geral, e dessa forma, reproduzem discursos redutores, estigmas e padronizações sociais.

Concluimos que há necessidade da promoção de uma equidade de oportunidades em todas as searas da profissionalização do futebol para as mulheres, desde a preparação técnica até a cobertura da mídia nos eventos envolvendo a modalidade. Ressaltamos que ao entender o futebol enquanto fenômeno sociocultural, e buscar por equidade no esporte para ambos os sexos é também promover uma mudança na cultura e na sociedade. Ainda há muito o que debater e aprofundar sobre a presença e a profissionalização feminina no esporte, este artigo objetiva contribuir com uma dessas lacunas e ampliar a discussão para novos olhares em busca da equidade de gênero.

Referências bibliográficas:

- Althusser, L. (1985). *Aparelhos ideológicos de Estado*. 2. ed. Trad. de Valter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Graal.
- Barreto Januário, S. (2013). *Gênero e Media: estereótipos das masculinidades na publicidade das revistas masculinas em Portugal*, Tese de Doutorado, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- Beauvoir, S. (1980). *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bourdieu, P. (2005). *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Butler, J. (1986). Variações sobre sexo e gênero: Beauvoir, Witting e Foucault (N. C. Caixeiro, Trans.). In S. Benhabib & D. Cornell (Eds.), *Feminismo como crítica da modernidade* (pp. 139-154). Rio de Janeiro: Rosa dos tempos.
- Connell, R. W. (2005). *Masculinities*. California: University of California Press.
- DaMatta, R. (1985). *A Casa e a Rua*. São Paulo, Brasiliense.
- De Souza, E. & Baldwin, J.R. (2000) A construção social dos papéis sexuais femininos In: *Psicologia: reflexão e crítica*, v.13, n.3, p.485-496.
- Filho, M. (1964). *O Negro no Futebol Brasileiro*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- Foucault, M. (1979). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Foucault, M. (2009). *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Gastaldo, E. & GUEDES, S. L. (orgs.) (2006) *Nações em Campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto.
- Goellner, S.V. (2003). Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na *Revista Educação Physica*. Ijuí: Editora UNIJUÍ.
- Goellner, S.V. (2005). Mulher e esporte em perspectiva. Disponível em: www.esporte.gov.br/arquivos/mulher_esporte/esporte_mulher.pdf
- Hall, S. (2005). A identidade cultural na Pós-Modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2005
- Haraway, D. (1991). "Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective." In: HARAWAY, Donna (ed.). *Symians, Cyborgs and Women: the Reinvention of Nature*. New York: Routledge, pp. 183-202, 1991
- Helal, R. (2010). *As Novas Fronteiras do 'País do Futebol*. Pesquisa Rio / Faperj, v. 11, pp. 37-40
- Helal, R. (1990) *O Que é Sociologia do Esporte* - São Paulo, Brasiliense.
- HOLBROOK, Morris B. & HIRSCHMAN, Elizabeth C. (1982). The Experiential Aspects of Consumption: Consumer fantasies, feelings, and fun. *Journal of Consumer Research*, v. 9, pp. 132-140, Setembro.
- Lever, J. (1983). *A Loucura do Futebol*. São Paulo, Record.
- Laqueur, T. (2001). *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

- Louro, G. (1995). *Gênero, história e educação: construção e desconstrução*. Educação & Realidade, Porto Alegre, v.20, pp.99-108.
- Loyola, H.(1940) Pode a mulher praticar o futebol. *Revista Educação Physica*, Rio de Janeiro, v.46, pp.41-45.
- Maingueneau, D. (2007). Formações discursivas, unidades tópicas e não-tópicas. In:Baronas, Roberto Leiser (org.). *Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Paulo: Pedro & João Editores.
- Morel, M. & Salles, J.G.C.(2005). Futebol feminino. In: DaCOSTA, L.P. (Ed.). *Atlas do esporte no Brasil: atlas do esporte, educação física, atividades físicas de saúde e lazer no Brasil*. Rio de Janeiro: Shape.
- Mourão, L. & Morel, M.2005). As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v.26, pp.73-86.
- Nicholson, L.(2000). *Interpretando o gênero*. Estudos feministas, 8(2), 9.
- Nicholson, L. (1986). *Gender and History*. Nova Iorque: Columbia University Press.
- Okin, S. (2008). Gênero, o público e o privado. In: *Revista Estudos Feministas*, 16(2), pp.305-332.
- Pêcheux, M.(1988). *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp.
- Reis, H. H. B.(2006) *Futebol e violência*. Campinas, SP: Autores associados.
- Salgueiro, A. & Ferraz, R.(2011). Pesquisa de mercado para o Sport Clube do Recife. Trabalho de conclusão de curso, Universidade Católica de Pernambuco, Recife.
- Scott, J.(1990) *Gênero: uma categoria útil para análise histórica* (C. R. Dabat & M. B. Ávila, Trans.). Nova Iorque: Columbia University Press.
- Sevcenko, Nicolau.(1992) *Orfeu extático na metrópole*. São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras.
- SILVA, M.C.P.; COSTA, M.M. & SALLES, J.G.C. (1998). Representação social do futebol feminino na imprensa brasileira. In: *VOTRE, S.; SALLES, J.G.C. (Eds.). Representação social do esporte e da atividade física: ensaios etnográficos*. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto.
- Soares, A. J.(2001) História e a invenção de tradições no futebol brasileiro. In Helal, Ronaldo; Soares,2001 Antonio J. G. & Lovisolo, H. *A Invenção do País do Futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro.
- Soares, A. J. (1998). *Futebol raça e nacionalidade no Brasil*. releitura da história oficial. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Educação Física – Rio de Janeiro.
- Werthein, J. (2004). *Esporte e Sociedade: ações socioculturais para a cidadania*. São Paulo: IMK Relações Públicas.
- Wolf, N.(2009). *The beauty myth*. Nova Iorque: Harper Collins.